

## Beijo gay: Comunicação e política na Bienal do Livro de 2019

### Gay kiss: Communication and politics at the 2019 Book Biennial

Elaine Christovam Azevedo

Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação Social pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: elaineazevedo@elchrisaz.com

Ricardo Ferreira Freitas

Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Mestrado em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (1990) e Doutorado em Sociologia - Université Paris V (René Descartes). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rf0360@gmail.com

Rafael Nacif Piza

Doutor em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da UERJ. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rafaelnacifdetoledopiza@gmail.com

#### Resumo:

Este artigo visa analisar a representatividade de determinados grupos sociais, em especial da comunidade LGBTQI+<sup>1</sup>, pela via do consumo na literatura e no audiovisual e seus desdobramentos. Procuramos analisar como a tentativa de censura da revista em quadrinhos *Vingadores – a cruzada das crianças* (HEINBERG, A e CHEUNG, J, 2016) em uma feira literária, motivada pela ilustração de um beijo *gay*, converteu-se em uma espécie de publicidade reversa, a partir das narrativas criadas tanto pelos censores quanto por seus opositores. Para embasar nossa análise, operamos metodologicamente com a obra de Foucault (1977; 2001) e com autores que trabalham com uma perspectiva histórica e antropológica tanto do consumo quanto do corpo e das emoções, como Maffesoli (1992; 2004) e Siqueira (2015).

#### Palavras-chave:

Beijo gay; Censura; Literatura; Consumo; Audiovisual.

#### Abstract:

This paper intends to analyze the representativity of certain social groups, especially in LGBTQI+ communities, through the pathway of consumption of literature and audiovisual and its consequences. We try to analyze how the attempt to censor the comic book *Avengers – the children crusade* (HEINBERG, A e CHEUNG, J, 2016) in a literary fair motivated by the illustration of a gay kiss became a kind of a reverse publicity, from the narratives created by both the censors and their opponents. To support our analysis, we operate methodologically with Foucault's work (1977; 2001) and authors that cultivate a historic and anthropological perspective to interpret consumption as well as the body and emotions, such as Maffesoli (1992; 2004) and Siqueira (2015).

---

<sup>1</sup> Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros, Queer, Intersexuais e afins.

**Keywords:**

Gay Kiss; Censorship; Literature; Consumption; Audiovisual..

**1 Reação e contra-reação: a censura que se transforma em publicidade**

Outubro de 1861, Barcelona, Espanha. Exemplares do *Livro dos espíritos*, assinados pelo francês Allan Kardec, são barrados na alfândega da cidade e posteriormente queimados em praça pública, diante de uma plateia estupefata que grita palavras de ordem como “abaixo a censura”. O motivo é religioso: a Igreja Católica considera que o livro dedicado à temática espírita é uma heresia, induzindo à bruxaria e ao pecado. Em Paris, o escritor toma conhecimento do fato, logo após sair da prisão para onde fora levado por promover as chamadas mesas espíritas. Indignado, resolve tomar providências contra o que considera abuso. Entretanto, muda de ideia e gargalha ao receber um bilhete escrito por uma médium onde os espíritos lhe alertam para deixar tudo como está: não poderia existir melhor publicidade para seus livros do que a fogueira onde estavam sendo lançados.

Setembro de 2019, Rio de Janeiro, Brasil. A Bienal do Livro, evento que faz parte do calendário da cidade, está em sua 19ª edição e, como de costume, adultos, adolescentes e crianças circulam por seus corredores apreciando antigos e novos lançamentos editoriais. Tudo parece correr bem até que o prefeito da cidade, Marcelo Crivella, grava um vídeo onde manifesta seu descontentamento em relação a uma história em quadrinhos chamada *Vingadores – a cruzada das crianças*. Ele equipara os quadrinhos a material pornográfico e determina que fiscais da prefeitura compareçam ao evento para lacrar a obra em plásticos pretos semelhantes aos que embalam revistas pornográficas. Entretanto, não existe uma única cena de nudez ou sexo na história. A briga do prefeito com a organização da Bienal é motivada pela ilustração de dois personagens do sexo masculino se beijando na boca. Os fiscais comparecem ao evento diante de uma plateia estupefata, que protesta contra a censura.

A primeira cena é um trecho do filme *Kardec* (2019), de Wagner de Assis, uma cinebiografia do professor que ajudou a popularizar a doutrina espírita ao redor do mundo. A segunda cena não faz parte de um filme, mas dos noticiários brasileiros,

sobretudo cariocas, de 2019. Em comum, a tentativa de censura que se reverte em publicidade. Afinal, independentemente de qualquer questão religiosa, o *Livro dos espíritos*, de Kardec, atravessou mais de dois séculos e continua sendo vendido e editado em diferentes países do mundo. Sobre *A cruzada das crianças* ainda é cedo para dizer se atravessará gerações. Entretanto, constatamos que, como no caso dos livros de Kardec, a tentativa de censura deu enorme visibilidade à obra. Ao chegar para apreensão, os fiscais já não encontraram mais qualquer exemplar; todos haviam sido vendidos. Ao lembrarmos que se trata de uma obra lançada nos Estados Unidos em 2010 e no Brasil em 2016, é possível perceber o quanto, ao tentar coibir o produto, o prefeito ajudou a divulgá-lo e o transformou em objeto de desejo. A obra esgotada, que antes custava cerca de R\$ 40,00 passou a ser vendida na internet por até R\$ 250,00.<sup>2</sup>

O objetivo deste trabalho é analisar a partir desse caso a articulação entre consumo e representatividade LGBTQI+, tendo como recorte a literatura e o audiovisual, considerando o embate entre forças políticas conservadoras e progressistas. A noção de consumo a que nos referimos aqui não se limita às trocas comerciais, mas especialmente às contradições entre consumação e audiência, como bem salienta Maffesoli, quando privilegia a saturação e a contemplação como duas importantes características da transfiguração do político na pós-modernidade (MAFFESOLI, 1992). Tratamos do consumo de ideias e ideologias que acabam por refletir em novas dinâmicas dos discursos publicitários e institucionais.

## 2 Um beijo, uma polêmica, muitas contradições

Em vídeo<sup>3</sup> divulgado no dia 6 de setembro de 2019, o prefeito Marcelo Crivella aparece de pé, em um corredor, proferindo as seguintes palavras: “A prefeitura do Rio de Janeiro determinou que os organizadores da Bienal, lá no Riocentro, recolhessem esse livro que você tá vendo aí”. Corta para imagens da ilustração do livro citado, com a fala do prefeito sobreposta: “que já foi denunciado inclusive na internet que traz

---

<sup>2</sup> Fonte: UOL. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/10/hq-vingadores-bienal-do-livro.htm>>. Acesso em 17 mar. 2020.

<sup>3</sup> Vídeo disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-personagens-homossexuais>>. Acesso em 17 mar. 2020.

conteúdo sexual para menores”. As ilustrações remetem à capa da HQ e a um quadrinho no qual aparecem Wiccano e Hulking, ou melhor, Billy e Teddy, os adolescentes que se transformam respectivamente em tais heróis. Os rapazes conversam em pé, completamente vestidos, no meio de um quarto. O desenho e o diálogo remetem a uma cena com caráter mais afetivo que sexual. Corta novamente para a imagem do prefeito, que continua: “livros assim precisam estar embalados em plástico preto lacrado e do lado de fora avisando conteúdo. Portanto, a prefeitura do Rio de Janeiro está protegendo os menores da nossa cidade”. O vídeo se encerra e entra a logo com o nome do prefeito.

Figura 1 – Ilustrações Vingadores – a cruzada das crianças (interior e capa)<sup>4</sup>



A imagem que gerou a controvérsia e se espalhou pelas diferentes mídias, entretanto, é outra na qual os personagens efetivamente se beijam. Aqui cabe uma contextualização: *Os Vingadores* é uma série de quadrinhos da editora norte-americana Marvel, ilustrada por Jim Cheung e roteirizada por Allan Heimberg, que trabalhou em obras de sucesso como *Sex and the city* e *Mulher Maravilha*. *A cruzada das crianças* é o sétimo volume da saga na qual jovens com superpoderes travam a tradicional batalha do bem contra o mal. Hulking e Wiccano, os heróis que despertaram a indignação de Crivella, fazem parte do grupo e vivem um romance desde o princípio,

<sup>4</sup> Imagem capturada na rede. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/apostentativa-de-censura-hq-de-vingadores-esgota-na-bienal-do-rio>>. Acesso em 05 jun. 2020.

mas não é esse o foco da história. E tal como em uma novela com final feliz, os dois só se beijam no último capítulo. Ou melhor, nos últimos quadrinhos.

Figura 2 – Ilustração *Vingadores – a cruzada das crianças*<sup>5</sup>



A exibição do vídeo do prefeito gerou uma reação contrária, ajudando a divulgar não apenas a HQ da Marvel, como também demais produtos voltados tanto para o público LGBTQI+ quanto para o público em geral que tocam de alguma forma na temática. Conforme esperado em uma sociedade capitalista, empresas reagiram rapidamente em busca de novos consumidores. A Amazon, por exemplo, disponibilizou gratuitamente em seu *site e-books* de temática LGBTQI+. O influenciador digital Felipe Neto, para impedir o recolhimento das obras, comprou todos os livros com conteúdo LGBTQI+ e os distribuiu também gratuitamente, para o público da Bienal, sendo aplaudido pelos progressistas e vaiado pelos conservadores<sup>6</sup>.

A repercussão do caso chegou até o britânico Jim Cheung, responsável pelos desenhos, que se manifestou sobre o assunto em sua conta no Instagram:

[...] O fato de que esta HQ, de quase uma década atrás, só agora estar sendo alvo de críticas pelo prefeito apenas destaca como ele está atrasado. A comunidade LGBT está aqui para ficar e não tenho nada além de amor e apoio por aqueles que lutam por validez e uma voz a ser ouvida. Torço para

<sup>5</sup> Imagem obtida na rede. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/juristas-avaliam-que-prefeitura-nao-tem-poder-para-retirar-publicacao-da-bienal-do-livro-23931632>>. Acesso em 05 jun. 2020.

<sup>6</sup> Fonte: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/distribuicao-de-livros-lgbt-comprados-por-felipe-neto-gera-clima-de-copa-na-bienal-23934176?versao=amp>>. Acesso em 17 mar. 2020.

que o belo povo do Brasil, uma nação diversificada e orgulhosa, veja além do ruído político e se foque na luz e em formas de se unir, ao invés de ajudar a semear conflito e divisão<sup>7</sup>. (CHEUNG, 2019).

Ao responder ao comentário de um internauta sobre o fato de a obra ter se esgotado rapidamente na Bienal, Cheung foi irônico, dizendo que deveria contratar o prefeito do Rio para promover seus próximos trabalhos.<sup>8</sup>

Pouco mais de um mês antes, houve episódio semelhante, envolvendo censura divulgada na internet e reação de empresas produtoras e distribuidoras. Na mesma semana da publicação de um vídeo do presidente Jair Bolsonaro, no qual ele mencionava ter conseguido impedir a liberação de verbas públicas para produção de filmes nacionais com temática LGBTQI+<sup>9</sup>, a Netflix aproveitou o fato para divulgar em sua conta no Twitter filmes de seu catálogo relacionados ao tema, com a seguinte legenda: “Gente, deixei cair aqui uma lista de séries e filmes MA-RA-VI-LHO-SOS sobre LGBTQI+. Ah, sim, lembrando que só assiste quem quer”. Após algumas poucas reações contrárias de assinantes dizendo que cancelariam o serviço, a empresa respondeu “Tudo bem, nós sempre vamos continuar apoiando a causa LGBT”.<sup>10</sup>

O conceito de dispositivo utilizado por Foucault é interessante para pensarmos esse cenário. Segundo o filósofo francês, um dispositivo implica a rede que se pode estabelecer entre um conjunto de “preposições heterogêneas que englobam discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, preposições filosóficas, morais e filantrópicas”, que englobam “o dito e o não dito” (FOUCAULT, 2001, p. 244) e

[...] um duplo processo: por um lado processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de consonância ou de contradição com outros e exige uma rearticulação, um reajustamento de elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, processo de perpétuo preenchimento estratégico (Idem, Ibidem, p. 245)

---

<sup>7</sup> Fonte: <<https://www.omelete.com.br/quadrinhos/vingadores-bienal-ilustrador-posicionamento>>. Acesso em 17 mar. 2020.

<sup>8</sup> Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49650286>>. Acesso em 17 mar 2020.

<sup>9</sup> Fonte: <<https://oglobo.globo.com/cultura/governo-bolsonaro-suspende-edital-com-series-lgbt-para-tvs-publicas-23891805>>. Acesso em 17 mar. 2020.

<sup>10</sup> Fonte: Twitter da Netflix em 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/NetflixBrasil>>. Acesso em 17 mar. 2020.

Assim, graças a uma tentativa de censura, houve uma rearticulação do discurso do prefeito e a causa LGBTQI+ se tornou pauta de inúmeras reportagens. A ilustração de Teddy e Billy se beijando se espalhou pelas redes sociais, foi exibida na TV, em *sites*, revistas e jornais, transformando os personagens em símbolo de uma luta tanto contra a censura quanto contra a homofobia. Maffesoli (1992, 2004), em várias de suas obras, aborda o espírito dos tempos, lembrando os perigos dos retrocessos políticos e comportamentais que sempre estão à espreita, com a especial participação da mídia em geral, mas também ressaltando a criatividade característica das produções comunicacionais.

[...] Não deixa de ser impressionante que esta mitologia contemporânea que é a publicidade não se tenha enganado encenando a pele, a epiderme, os humores em todas as suas diferentes modulações. O mesmo acontece com a produção musical, cinematográfica, fotográfica, que não teme ilustrar, epifanizar a parte obscura da natureza humana. É considerável a defasagem entre o intelectualismo dos moralistas e a criação multiforme que se limita a traduzir o que é vivido por cada um. De um lado, a abstração das boas intenções, garantindo, como se sabe, a pavimentação dos infernos verdadeiros; do outro, o enraizamento no húmus do humano. (MAFFESOLI, 2004, p. 43).

### 3 Contradições de um discurso

A ilustração contestada por Crivella mostra dois jovens em um ato de carinho consentido. Não são crianças; tampouco, há qualquer situação que possa ser taxada como pornográfica no gibi. Se considerarmos que no Brasil atos como andar de mãos dadas ou beijar em público são condutas socialmente aceitas, fica evidente que a censura se refere unicamente à orientação sexual dos personagens. Ora, no Brasil, homossexualidade não é crime e, embora não exista ainda uma lei que regulamente o casamento *gay*, há uma jurisprudência advinda de decisão do STF em 2011, que equipara juridicamente a união civil homoafetiva à união estável entre homem e mulher, prevista no artigo 1723 do código civil<sup>11</sup>. Além disso, é cada vez mais frequente a constituição de diferentes tipos de famílias, nas quais se incluem as formadas por casais LGBTQI+ e seus filhos. Em junho de 2019, o STF equiparou a

---

<sup>11</sup> Fonte: <[www.portalconsular.itamaraty.gov.br/outros-servicos/tema-3/uniao-homoafetiva](http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/outros-servicos/tema-3/uniao-homoafetiva)>. Acesso em 05 jun. 2020.

homofobia ao crime de racismo, enquadrando-a no artigo 20 da Lei 7716/89, que criminaliza esse último. Portanto, quando o prefeito de uma das maiores cidades do Brasil compra briga com um evento literário por conta de uma simples ilustração que apresenta personagens *gays* se beijando e acessa a Justiça para solicitar que livros de temática LGBTQI+ sejam lacrados, ele escancara diversas contradições da sociedade brasileira.

Os organizadores da Bienal recorreram e ganharam, em primeira instância, o direito de continuarem comercializando os livros, embalados apenas em plástico transparente. Porém, a seguir, o presidente do TJ, Cláudio de Mello Tavares, revogou a decisão anterior, sendo favorável ao pedido de Crivella, e justificou seu parecer com as seguintes palavras:

Os relacionamentos homoafetivos já foram reconhecidos como constitucionais pelo Supremo Tribunal Federal. “Contudo, também se afigura algo evidente, neste juízo abreviado de cognição, que o conteúdo objeto da demanda mandamental, não sendo corriqueiro e não se encontrando no campo semântico e temático próprio da publicação (livro de quadrinhos de super-heróis, que desperta notório interesse em enorme parcela das crianças e jovens, sem relação direta ou esperada com matérias atinentes à sexualidade), desperta a obrigação qualificada de advertência, nos moldes pretendidos pelo legislador”.<sup>12</sup>

Ao ter sua decisão revogada pelo presidente do STF, Dias Toffoli, que considerou o ato como censura, e, portanto, inconstitucional, Tavares se defendeu com o seguinte argumento:

[...] Sempre respeitei a pluralidade das ideias e opções sexuais, mas, ao tratar de crianças e jovens em formação, entendo que o alerta aos pais é devido, até mesmo em respeito a eles. Afinal, a obra em questão foi oferecida em espaço aberto ao público, e não nos quintais das casas de seus autores, onde podem fazer o que bem entenderem<sup>13</sup>.

Tal como já havia ocorrido na época em que a Netflix lançou a animação *Superdrags* (2018), políticos e autoridades conservadores associaram imediatamente a categoria de animação ao público infantil, desconsiderando que há uma vasta gama de material do gênero voltadas para adultos e adolescentes, nas quais incluem-se as

---

<sup>12</sup> Fonte: Revista Consultor Jurídico. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2019-set-07/presidente-tj-rj-autoriza-prefeitura-rio-recolher-livros>> Acesso em 05 jun. 2020.

<sup>13</sup> Fonte: Revista Istoé. Edição 2596, de 25 set. 19. Disponível em: <<https://istoe.com.br/presidente-do-tj-rj-nega-censura-na-bienal-do-livro/>>. Acesso em 29 fev. 2020.

obras aqui citadas<sup>14</sup>. Além disso, ao contrário do que costuma ocorrer nos filmes, super-heróis *gays* não são nenhuma novidade nos quadrinhos e no Universo Marvel. Talvez por envolver menos riscos – leia-se menos custos – as HQs em geral saem até mesmo na vanguarda do cinema no que tange às questões que envolvem determinados grupos sociais. Assim, em 2012, o herói Estrela Polar já havia, inclusive, casado com seu namorado em uma edição. E em 1966 Stan Lee já criara o Pantera Negra, o primeiro super-herói negro, que somente em 2017 ganhou um filme. Prospectando retratar diferentes realidades e conquistar novos leitores, a empresa apresentou em 2014 Miss Marvel, a primeira heroína muçulmana<sup>15</sup>.

Outro fato relevante é que o discurso de Tavares reafirma uma posição muito comum no Brasil, o famoso “não sou homofóbico, mas...”. Trata-se de um discurso que afirma e nega ao mesmo tempo uma condição. Ou seja, nada contra *gays*, desde que no armário, ou melhor, “nos quintais de suas casas”.

Majerowicz e Rodrigues (2019, p. 156) utilizam o conceito de dispositivo de Foucault para mostrar como

os discursos produzem formas de ver o mundo, efeitos de verdade e também modos como o sujeito vê a si mesmo, além de também modular desejos e afetos. Nesse contexto, o dispositivo de sexualidade como controle modula o que é esperado dentro de uma certa ordem social [...]. O dispositivo de sexualidade estabelece aquilo que é desejado ou não em termos de práticas sexuais.

Os autores demonstram como a noção do que é aceitável ou não em termos de sexualidade é uma construção histórica e como o controle ao corpo do outro pode ser um dispositivo de poder. Entre o fim do século XIX e o início do século XX, o regime sexual passa de um regime dominado pela moral cristã para um regime secular. O desejo sexual passa a ser considerado “apenas um instinto natural, as relações sexuais eram reguladas por seu potencial reprodutivo; isto é, o bom sexo deveria servir à reprodução” (MAJEROWICZ; RODRIGUES, 2019, p. 160), que obedecia também a uma lógica capitalista, visto ser necessário que novos consumidores surjam, assim como a continuidade da força de trabalho.

<sup>14</sup> A animação *Superdrags* tem classificação indicativa 16 anos e *Jovens Vingadores* tem indicação para maiores de 13 anos.

<sup>15</sup> Fonte: Revista Superinteressante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-e-kamala-khan-a-heroína-muçulmana-da-marvel-que-pode-virar-filme/>>. Acesso em 5 jun. 2020.

A mediação com o mundo que se dá através de instituições como, por exemplo, família, escola e mídia, não é determinante para a orientação sexual do sujeito, embora o seja para a forma como se expressa. A cultura determina uma certa etiqueta em relação à forma de se portar no mundo, mas não elimina ou modifica o desejo. Crivella e Tavares ignoram que eles mesmos fazem parte de uma construção cultural que determinou a família nuclear, composta de mãe, pai e filhos como única alternativa possível, descartando as demais formas de constelação familiar. Ou seja, ao contrário do que seus autores procuram fazer crer, não há nada de natural nisso, como não há nada de natural na forma como expressamos nossas emoções e desejos. O que se constroem são as formas de demonstrar emoções e afetos, assim como as de reprimi-los.

Siqueira (2015) lembra que códigos de expressar dor e emoção em situações como morte e nascimento são técnicas criadas para sabermos como nos portar em cada situação e variam em diferentes sociedades. Tomando como exemplo o beijo, alvo de tanta polêmica, podemos pensar que em algum momento estabeleceu-se no ocidente que o ato de beijar na boca é a representação do amor romântico. Porém, podemos enquadrá-lo como o que Mauss (2018) chama de técnica corporal. Isto é, trata-se de um gesto aprendido e interiorizado como demonstração de um certo tipo de afeto: poderia ser um beijo na ponta do nariz ou um roçar de narizes. Não é o beijo em si que está em questão, mas o que ele representa. Sendo assim, graças aos códigos aprendidos e ao que Durkheim (2014) chama de fato social, comportamentos introjetados como naturais por conta da imitação e da coerção, aprendemos a nos portar no mundo. Um transexual masculino, pode, por exemplo, tentar se enquadrar em um corpo feminino sem que isso signifique que seja natural para ele. O corpo ainda é sentido e significado como um corpo masculino, o que gera sofrimento.

A partir de documentos históricos e relatos de antropólogos, Trevisan (2018) traça um panorama da homossexualidade desde o Brasil Colônia até a atualidade. O autor mostra como o próprio conceito de homossexual mudou ao longo do tempo e da cultura. Por exemplo, entre os índios, ter relações com pessoas do mesmo sexo era aceitável, como ainda o é em determinadas tribos. Ele cita, inclusive, índios que preferiam vestir-se e enfeitar-se como as nativas e realizar tarefas consideradas femininas na aldeia, sem que isso fosse motivo de consternação. Somente com a

colonização e a chegada dos europeus, o regime moral-sexual ganhou outros contornos. Ao analisar documentos do período inquisitorial no Brasil, o autor verifica a frequência do crime “sodomia”, que se referia à ocorrência de relação anal. O cerne do problema estava na existência de práticas sexuais sem fins reprodutivos e, portanto, contrárias à moral cristã. A pena variava de acordo com os juízes que, por vezes, entendiam tratar-se de um pecado menos grave, enquanto outros decretavam pena de morte.

Já no início do século XX, a homossexualidade foi apropriada pelo discurso médico, juntamente com outras práticas

No Brasil, por muitos anos se utilizou o clássico *Guia de medicina homeopática*, do dr. Nilo Cairo, que embasa os conhecimentos de médicos homeopatas desde o começo do século XX, pelo menos. No capítulo que trata das “desordens sexuais”, esse manual oferece orientações precisas de medicações para curar “homens pederastas e mulheres lésbicas”, assim como “aversão a outro sexo” e até a minúcia de traumatismo do reto nos pacientes de pederastia. Para se compreender o contexto das inferências “científicas”, basta dizer que entre as desordens estavam aí incluídas, entre muitas outras, a masturbação, a “disposição de certas crianças a pegarem constantemente no pênis”, a “mania de pôr nu”, a “exaltação sexual em virgens e viúvas”, a infidelidade conjugal e a “aversão ao marido”, cada qual com um remédio específico para sua cura (TREVISAN, 2018, p.19).

O estudo de Trevisan faz lembrar Canguilhem (1995) quando nos diz que o conceito de normalidade sofre variações de acordo com a cultura, sendo a distinção entre o normal e o patológico uma questão estatística, definida pela frequência com que tal característica é encontrada em determinado grupo. Verificamos que o mesmo ocorre com a lei, que precisa se adaptar às mudanças socioculturais de cada época. O casamento interracial, por exemplo, já foi considerado crime em alguns estados norte-americanos, como nos mostra o filme *Loving: uma história de amor*<sup>16</sup> (2016).

A partir da década de 1960, com o advento da pílula anticoncepcional, sexualidade e reprodução foram gradualmente se dissociando.

No fim do século XX, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, começa a despontar um novo regime, ligado à noção de direitos sexuais. Gradativamente, o critério que opera como legitimador das práticas sexuais passa a ser não mais a reprodução ou a manutenção de um corpo social

---

<sup>16</sup> Lançado com o título original *Loving*, o filme dirigido por Jeff Nichols retrata a história real dos estadunidenses Richard e Mildred Loving, que, na década de 1950, foram presos e obrigados a se mudar de sua terra natal, a Virgínia, por terem se apaixonado e se casado, já que ele era branco e ela negra, o que era considerado crime naquele estado.

sadio e eugênico, mas, sim a conquista de bem-estar individual, obtido a partir de intercursos sexuais consentidos. [...] As atuações dos movimentos identitários, como o feminismo e o movimento LGBT foram relevantes para essa modificação (MAJEROWICZ; RODRIGUES, p. 160).

Foucault (2001) nos lembra que a sexualidade tal como a concebemos é um dispositivo que se instalou a partir de uma necessidade burguesa que criou leis, princípios e instituições que regem a vida da população. Como consequência, temos a medicalização da sexualidade e a criação de modelos de conduta próprios para expressá-la. As leis também têm seu papel nessa rede de relações que se articula, envolvendo o dito e o não dito em relação a comportamentos sexuais. Um exemplo é que durante muito tempo o modelo do casamento heterossexual normativo foi o único reconhecido tanto pela norma social quanto pelas instâncias jurídicas.

Segundo Arán e Correa (2004, p. 1), foi nos anos de 1990 que a luta pela união civil entre parceiros do mesmo sexo ganhou força a partir do advento da epidemia de AIDS, “quando assistimos uma inegável injustiça para aqueles que ao perderem seus companheiros não tiveram acesso aos bens adquiridos com esforço mútuo”. De acordo com as autoras,

A despenalização da homossexualidade com a saída de práticas sexuais homoeróticas dos códigos penais em diversos países e sua desmedicalização com a retirada da categoria homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) foram conquistas importantes e significaram, sobretudo, uma tolerância, por parte da sociedade, em relação à liberdade do amor homossexual, desde que vivido e exercido exclusivamente no âmbito privado. Leia-se: desde que excluídos da proteção e do reconhecimento pelos códigos de direito civil. É como se a sociedade tolerasse essa prática afetivo-sexual, contanto que não colocasse em questão os pilares da ordem social vigente, e permanecesse à sombra do que se pretende ser a norma: a família nuclear e a heterossexualidade (ARÁN; CORREA, 2004, p. 6)

Embora Arán e Correa tenham escrito o texto em 2004, momento anterior ao reconhecimento da união civil entre parceiros do mesmo sexo e à equiparação da homofobia ao crime de racismo em nosso país, identificamos que os apontamentos levantados por elas ainda são pertinentes. Se no Brasil, conforme lembrou o presidente do STF<sup>17</sup>, Dias Toffoli, ao derrubar o decreto de Tavares que aprovava a censura de

<sup>17</sup> Fonte: <<https://oglobo.globo.com/cultura/toffoli-suspende-decisao-do-tj-do-rio-que-permitia-apreensao-de-obras-lgbt-na-bienal-23935138>>. Acesso em 17 mar. 2020.

obras de temática LGBTQI+, a união civil homoafetiva já havia sido reconhecida pela Corte em 2011; pressupõe-se que os direitos de demonstrar afeto de homo e heterossexuais também deveriam ser equiparados. Porém, não se ouviu qualquer protesto contra ilustrações de beijos héteros. Aliás, sequer tomamos conhecimento delas, embora certamente existam. Tampouco ouvimos qualquer pessoa dizer que “casais héteros devem se beijar apenas nos quintais de suas casas”; o que, sem dúvida, soaria absurdo. Detectamos, portanto, que há uma tolerância para com o diferente – ou ao menos um falso discurso de tolerância – desde que seja mantido sob um regime de invisibilidade. Podemos pensar, por exemplo, que é tendencioso evocar a censura de cenas afetivas entre *gays* como forma de proteção às crianças, já que o próprio STF reconhece a constituição de famílias compostas de formas outras além da nuclear, incluindo casais *gays* e seus filhos. É lógico que tais famílias já existiam no âmbito afetivo muito antes de serem “legitimadas” por uma jurisprudência. Porém quando sua existência é reconhecida juridicamente, a controvérsia se cria justamente por serem tiradas da invisibilidade.

Outra contradição evidenciada no caso da Bienal é que, se a arte influencia na orientação sexual dos sujeitos, podemos nos perguntar como é possível então que existam registros de relações homoafetivas em diferentes períodos históricos, já que a representação romântico/sexual na cultura foi e ainda é predominantemente heterossexual. Freitas e Gotardo transcrevem uma fala de Ellen Page<sup>18</sup>, apresentadora da série documental *Gaycation*, onde ela narra essa falta de referenciais identitários para a população LGBTQI+ e como isso pode ser sofrido. Falando de sua própria experiência enquanto mulher lésbica, Ellen relata que

(...) no momento em que você é um ser consciente, toda história que você ouve, todo filme que vê, todo livro que lê, quase toda música que escuta é heterossexual e, geralmente, também, heterossexista. E macera em nós um sentimento de vergonha. E às vezes acho que nem dá pra perceber o quanto isso te afeta por muito tempo (PAGE *apud* Freitas e Gotardo, 2019, p. 181).

A fala de Page revela uma situação vivida por determinadas minorias e mostra o quão importante é o surgimento de personagens como Hulking e Wiccano. Em um

---

<sup>18</sup> Em dezembro de 2020, após a redação desse artigo, o ator se assumiu publicamente como transgênero e agora é conhecido como Elliot Page.

breve retrospecto, podemos citar alguns marcos na conquista por visibilidade na questão do beijo *gay* enquanto sinalização de assimilação da população LGBTQI+ aos discursos da mídia de massa. Em 1990, a cantora Madonna, grande defensora dos direitos dos *gays* na mídia de massa dentro do contexto *pop*, teve o videoclipe de *Justify my love* censurado pela MTV norte-americana por apresentar cenas de bissexualidade e fetiche. Fato este que alavancou a venda de fitas VHS contendo a íntegra do videoclipe em lojas especializadas. Em 1991, Madonna voltaria a escandalizar a mídia mundial com o filme *Na cama com Madonna*, no qual dois bailarinos se beijam. Ela também estaria à frente de seu tempo ao beijar Britney Spears e Christina Aguilera no Video Music Awards de 2003 durante a performance da canção *Hollywood*, de seu álbum *American Life*. A cultura pop está recheada de casos em que o beijo *gay* teria provocado escândalo, como no caso do filme *Brokeback mountain* (2005), estrelado pelos galãs Heath Ledger e Jake Gyllenhall.

O episódio da Bienal nos ajuda a pensar algumas das dimensões do consumo. Uma delas, apontada por Sennett (2006), revela que, no mundo capitalista, até mesmo políticos podem ser equiparados a produtos para serem escolhidos na prateleira de um supermercado. Assim, o prefeito Crivella, ao tentar coibir um desenho, vende-se como político conservador junto ao seu eleitorado predominantemente conservador, enquanto desvia a atenção de seus opositores dos problemas reais de sua gestão. Não deixa de ser uma espécie de *marketing* do “produto”. Uma outra dimensão se relaciona à resposta imediata dos consumidores que identificaram no discurso de Crivella a censura a ser combatida. Felizmente, nesse embate o direito à livre expressão saiu vitorioso e a decisão final da Justiça brasileira foi a de que a obra de Heiberg e Cheung não apresenta qualquer conteúdo impróprio e pode ser comercializada normalmente.

#### 4 Considerações finais

No Brasil, somente no século XXI começamos a ver com mais frequência personagens negros com papéis relevantes em novelas e filmes ou mesmo bonecas negras nas prateleiras das lojas de brinquedos. Em 2018, *Pantera Negra*, filme também da Marvel, fez bastante sucesso com uma história protagonizada por super-heróis negros. Podemos dizer que o mesmo vem gradualmente ocorrendo com a população

LGBTQI+. Em 2017, a autora Glória Perez apresentou ao público, na novela *A força do querer*, uma personagem que, aos poucos, juntamente com os telespectadores, descobre-se transexual e *gay*; ou seja, nasceu em um corpo que foi nomeado pela sociedade como feminino, porém se identificava com o gênero masculino. Entretanto, percebe que continua amando o namorado. Personagens trans, desde então, têm aparecido com mais frequência em algumas obras. Em 2019, as novelas *Bom sucesso* e *A dona do pedaço*, ambas da Rede Globo, contaram com personagens trans, vividas respectivamente pelas atrizes trans Gabrielle Joie e Glamour Garcia. Personagens *gays* também têm ganhado mais relevância nas novelas, deixando de ser apenas o alívio cômico e estereotipado para viver tramas com mais densidade, incluindo os romances, que geram empatia e torcida de uma grande fatia do público.

É claro que essa representatividade está diretamente relacionada à busca dos produtores por novos públicos e por uma conexão com o que acontece no mundo. Freitas (2006, p. 126) nos lembra que, ao falarmos sobre consumo, “não podemos considerar só os aspectos comerciais, mas, todos os aparatos ideológicos que são produzidos ou apropriados pelos meios de comunicação de massa”.

O embate entre políticos conservadores e representatividade LGBTQI+ põe em evidência os discursos contraditórios que afirmam respeitar o direito à expressão da orientação sexual livre da pessoa, ao mesmo tempo em que nega ao restringi-la, expressos tanto na atitude de Crivella quanto nos que o apoiam sob o pretexto de proteger crianças e adolescentes, como se a homossexualidade fosse uma ameaça e merecesse um lugar de invisibilidade.

No jogo entre o dito e o não dito, entre o dizer e o fazer, há um embate no qual diferentes forças e jogos de poder se manifestam no sentido foucaultiano. Afinal, para Foucault (1977), só existe poder quando existe resistência. Enquanto se mantêm presos à questões identitárias, políticos apagam e desviam problemas de sua administração. Porém, toda ação gera uma reação. A reação do prefeito e da ala conservadora se relaciona diretamente ao espaço e a visibilidade, que, graças à sua resistência expressa em lutas e reivindicações, a população LGBTQI+ vem alcançando.

Ora, é diante da ideia de que o poder, como relação de forças, funciona sempre como produtor de afetos, que a resistência aparece para Foucault como um terceiro poder da força. [...] A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar. Resistir é, neste aspecto,

INTERIN, v. 26, n. 1, jan./jun. 2021. ISSN: 1980-5276.

o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar (MACIEL JR, 2013, p. 2).

Toda essa situação demonstra que ainda há muito a avançar no que tange ao combate da homofobia. Afinal, se personagens fictícios desenhados em uma revista foram alvo de censura pelo prefeito de uma cidade supostamente liberal como o Rio de Janeiro, cabe-nos perguntar como certa parcela da população e determinadas autoridades encaram as pessoas de carne e osso para quem governam.

Acreditamos que a literatura e o audiovisual têm a capacidade tanto de reforçar estereótipos, quanto de ajudar a desmistificá-los. Personagens *gays* não são uma novidade na cultura de massa. Porém, quando personagens LGBTQI+ passam a ser representados sem estereótipos conservadores ou como no caso dos quadrinhos dos Vingadores, nos quais os personagens *gays* são super-heróis, perfis em geral associados a um certo imaginário de masculinidade, acabam por gerar questionamentos e reações como a de Crivella. Ora, o mais interessante da história de Wiccano e Hulking é justamente a naturalidade com que o tema é tratado. Os personagens fogem ao que Adichie (2001) chama de “história única”. O fato de namorarem é só mais um elemento na vida deles, que têm outras preocupações como aprender a controlar seus poderes, combater vilões e lidar com a família e os amigos.

O aspecto positivo da polêmica com a HQ é que se ela aconteceu é porque hoje a história já pode existir, o que reforça a resistência da população LGBTQI+ ao longo do tempo. Embora o Brasil ainda seja bastante conservador no que tange à sexualidade, cada vez mais personagens *gays*, lésbicas ou trans passam a ser vistos com naturalidade por diferentes parcelas de público. Hoje, ao acompanharmos postagens em redes sociais sobre séries, filmes, novelas e livros, vemos que é comum pessoas comentando sobre seus casais favoritos e torcendo por eles, independente da orientação sexual dos personagens e da sua própria. Se políticos e conservadores reagem com alarde é justamente porque houve conquistas.

É claro que tudo isso passa pelo consumo e o *case* da Bienal do Livro ilustra bem. Sabemos que a representatividade se faz presente porque vende. E a polêmica, é claro, ajuda na divulgação e venda dos produtos. Mas, ainda que a inclusão de personagens LGBTQI+ se dê pela via do consumo, ou seja, porque as empresas

INTERIN, v. 26, n. 1, jan./jun. 2021. ISSN: 1980-5276.

começam a perceber que a temática é vendável, isso não a torna menos relevante. A representatividade é importante para criar referências à população e simultaneamente contribuir para redução de estigmas e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARÁN, Márcia; CORREA, Marilena V.. (2004). **Sexualidade e política na cultura contemporânea**: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2004, p 329-341. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312004000200008>>. Acesso em 20 set. 2019.

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREITAS, Ricardo F; GOTARDO, Ana Teresa. Rio destino gay?: liberdade sexual e violência contra LGBTs na série documental *Gaycation*. In: **Narrativas do eu, gênero, emoções e produções de sentidos**. Porto Alegre: Sulinas, 2019.

FREITAS, Ricardo F. Comunicação, consumo e moda entre os roteiros das aparências. In: **Comunicação, Mídia e consumo**. São Paulo, Vol 3, nº 4, p 125-136, 2005.

HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. **Vingadores – a cruzada das crianças**. São Paulo: Salvat, 2016.

MACIEL JR, Auterives. A. **Resistência e Prática de si em Foucault**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v6n1/v6n1a02.pdf>>. Acesso em 9 abr. 2020.

MAFFESOLI, Michel. **La transfiguration du politique**: la tribalisation du monde. Paris: Grasset, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MAJEROWICZ, Fábio G; RODRUGUES, Bruna. “Nós defendemos uma liberdade de importunar, indispensável à liberdade sexual”: notas sobre a sexualidade e a moralidade contemporânea. In: **Narrativas do eu, gênero, emoções e produções de sentidos**. Porto Alegre: Sulinas, 2019.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIQUEIRA, Denise C.O. Corpo, construção social das emoções e produções de sentidos na comunicação. In: **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Objetiva, 2018.

Recebido em: 23/04/2020

Aceito em: 23/06/2020